

PORTO DE SÃO MATEUS

Um arquiteto defende a ocupação das casas

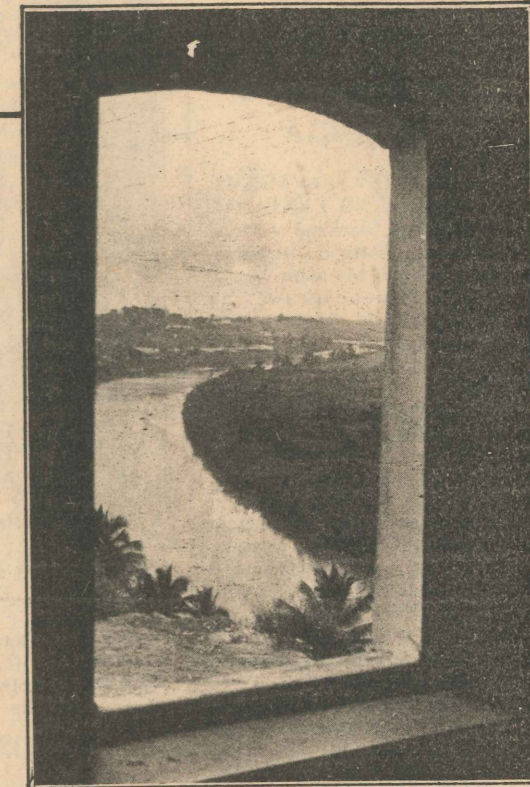
AJ 22772

A convite da Fundação Cultural do Estado, o arquiteto Reinaldo Machado esteve estudando a situação do Porto de São Mateus, já tombado pelo Patrimônio Histórico e cujo escoramento será iniciado, finalmente, nos próximos dias. Nesta entrevista, Reinaldo dá sua opinião sobre o aproveitamento do Porto, defendendo que o turismo seja apenas uma atividade secundária no local e que as casas sejam habitadas depois da restauração. Segundo ele, essa é a melhor forma de conservação.

Entrevista a
Annie Cicutelli



Reinaldo Machado é um arquiteto radicado em Minas Gerais



O que precisa ser feito, além do escoramento?

— O escoramento prolonga a vida do negócio, não está resolvendo ainda, mas serve para prolongar. O que precisa ser feito, além do escoramento, é definir muito claramente quem vai ocupar cada prédio daqueles e quem vai se responsabilizar por eles, porque é preciso que quem ocupe se responsabilize, e aí vale a pena você fazer a restauração. É uma garantia de que vai se manter: porque se você restaurar e deixar fechado não significa nada, ele dura mais alguns anos, depois precisa restaurar de novo.

Se tudo correr normalmente, você acredita que o Porto ficará restaurado em quanto tempo, funcionando como se fizesse parte da cidade?

— Vamos dar uma hipótese pessimista: quatro anos. Eu imagino que, à medida que você tiver alguns casarões daqueles funcionando, o Porto já começa a viver de novo, você faz o primeiro casarão, o segundo, o terceiro, então como já começa a dar uma certa atividade à área, vai valorizando a área, a vizinhança já vai se interessando em endireitar o dela. Mas não dá para saber o tempo exato porque a gente tem que pegar o auxílio de todas as fontes que vierem: se o Banestes quiser comprar um casarão daquele e fazer uma sede de banco lá, ótimo, vamos botar o Banestes lá, se as Amigas da Cultura (aqui não tem não, né, em Minas tem) resolverem fazer uma casa lá, então vamos fazer a casa das Amigas da Cultura. Quem quiser ajudar, pode vir...

O que você veio fazer em Vitória?

— Auxiliar a Fundação Cultural do Espírito Santo no projeto de realização do Porto de São Mateus.

... na implantação de um projeto já existente ou na elaboração de um novo?

— No começo todo um processo de tratamento daquela área. Já existe projeto de algumas coisas, de outras não existe ainda. Por exemplo: já existe um projeto de escoramento, cuja licitação já foi feita e mais dez ou quinze dias esta obra está começando: o escoramento de todas aquelas casas. Não existe ainda um projeto de arquitetura para consertar as casas.

Existe apenas o escoramento então?

— Sim. Seria necessário ainda uma série de contatos, reuniões, com pessoas que poderiam participar e auxiliar o projeto, por exemplo, a Prefeitura de São Mateus...

— E você está fazendo um projeto de escoramento, construção?

— Não, é o projeto de uma casa. Eu fiz um parecer-geral sobre a área, sobre o que poderia ser feito lá, na área, como um todo. Estou fazendo o primeiro projeto da primeira casa.

Você vai apresentar apenas um projeto ou vai fazer outros para todas as casas?

— Não, o DEO é que ficou encarregado de fazer os projetos para todas as casas. Eu estou fazendo este primeiro como exemplo, junto com o pessoal do DEO.

Você fez um parecer sobre como a área poderia ser utilizada. Qual a sua opinião?

— Isto eu acho que é o mais importante. Inclusive mais importante que o projeto de arquitetura...

ções, turismo hoje já não pode ser. Eu acho inconveniente turismo em qualquer época, ele, desordenado, é inconveniente em qualquer época, e além disso as condições mudaram mesmo, hoje você não pode pensar em levantar um patrimônio daquele em termos de turismo. Com as experiências, trabalhos, que foram feitos em Minas, Bahia, Nordeste todo, Pernambuco, Paraíba, estes trabalhos que são feitos lá estão demonstrando que é muito mais lógico você fazer isso sendo de utilidade social, é um patrimônio que significa bens, patrimônio mesmo, coisas que foram construídas lá que podem ser úteis. Em Portugal, por exemplo, na Cidade do Porto, tem uma área histórica que está sendo restaurada para ser alugada para moradia. O Governo português restaura a casa e a aluga barato, para as pessoas de baixa renda. Aqui no Brasil ainda não se faz isto, nem vai fazer tão cedo, porque ainda não há programa de aluguel, o BNH faz para vender... agora está falando em aluguel, mas não estabeleceu um programa.

No seu projeto, você propõe a restauração do Porto para um aproveitamento pela cidade...

— O que acontece com um trecho da cidade... Minha visão é a visão de uma pessoa que trabalha com planejamento urbano o tempo todo. A cidade, para mim, é uma coisa viva, e é mesmo, não é só opinião. Então, quando a área da cidade deixa de ser útil, morre, apodrece. O que aconteceu com o Porto de São Mateus foi exatamente isto, ele era útil, era um porto, funcionava como porto, o rio deixou de dar entrada, ou reduziu a capacidade de calado dos navios, a estrada foi feita do outro lado, então deixou de se usar o porto e passou a se usar a estrada. Então, a

usado, vai ter um bocadinho de gente todo o dia, vai funcionar. Se você põe uma pequena escola numa casa grande daquela, será também uma área útil funcionando. E até residências mesmo. Residência é mais difícil devido ao problema jurídico de você pegar o dinheiro público e gastar em obras particulares, então fica mais difícil. Mas, no meu entender, seria muito bom que aquilo pudesse ser ocupado também como residências.

Você já trabalhou em várias cidades históricas. Acredita que o Porto de São Mateus tem validade, em termos de passado?

— Tem, eu acho que sim. O Porto de São Mateus não é nenhuma obra prima, não tem nenhuma casa, nem prédio que seja uma grande obra de arquitetura. São prédios comuns, alguns de boa qualidade, mas a maioria prédio comum, do fim do século passado. Ele, como obra de arquitetura, realmente não tem nenhuma casa que a gente pudesse citar com grande destaque, não pode nem comparar com a Igreja dos Reis Magos, em Nova Almeida, por exemplo, muito menos o Casarão de Beza. Agora, como ambiente

seto vai ser cumprido ou já houve casos em que programas deste tipo não foram cumpridos?

— A maioria dos projetos que fiz não foi cumprida. Acontece que hoje estamos numa fase, estamos mudando de mentalidade, o pessoal que trabalha com isto. Houve uma época em que a preservação do patrimônio cultural não tinha o menor interesse do Governo brasileiro, eles não estavam interessados, e foi criado o Iphan. Por um intelectual, Rodrigo de Melo Franco, ajudado por outro Mario de Andrade e Capanema, que era ministro da Educação no Governo de Getúlio Vargas, resolveram criar o Iphan... foi, vamos dizer, uma idéia avançada na época porque não havia sentimento desta necessidade, a população não sentia necessidade de preservar, o Governo não sentia, e esses caras muito avançados começaram a defender a preservação. Aí, evidentemente, como era uma coisa inicial e de um grupo muito pequeno, eles se preocuparam com o que era mais valioso do ponto de vista estético, artístico e histórico. Eles se preocuparam com

Mateus, que há 20 anos atrás nunca se pensaria, porque não há nenhuma obra importante em si. Então, não se pensaria nisto, porque esta noção que o ambiente da cidade também faz parte da cultura é mais nova, e esta pressão pública... eu acho que a pressão pública é a mais importante, começa a ser agora. As pessoas estão reclamando que cortaram todas as matas, destruíram todas as casas, nas grandes cidades um edifício destrói cinco, seis casas de uma vez só, no começo do século você destrói uma casa, fazia outra.

Antes, quando você trocava uma casa por outra, guardava o mesmo tamanho, a mesma proporção. Hoje, você troca uma casa por um edifício, muda a paisagem, antes não mudava a paisagem, você mudava aquela casa, uma fachada da rua que mudava. Hoje muda-se a paisagem e as pessoas começaram a sentir isso. Então começaram a ver também que o importante é guardar alguns trechos da cidade que ainda têm estas paisagens, até às vezes por saudade da infância... Eu sou contra isto, mas às vezes é por saudade da infância: antigamente era assim eu gostava. Não é bem

